

amor atômico

jennie fields

Tradução de Renato Carreira

*Para a minha querida Tia Rosalind
que se deleitava com a beleza, majestade
e poder das palavras*

CHICAGO, 1950

CAPÍTULO UM

Ainda com o toque quente da cidade sobre o seu corpo, Rosalind descalça as meias e larga-as no lavatório com um punhado de bicarbonato de sódio. Era um hábito dos anos de guerra. Aguentou de 1942 a 1944 com dois pares robustos porque os tratava como orquídeas raras. Santo Deus. Conhecia raparigas que tiveram de desenhar linhas pelas pernas acima porque tinham rasgado o seu último par e não podiam comprar meias novas. Linhas que, às duas da tarde, ficavam borradas como batom depois de um beijo desesperado.

Não se perdia a sensação da guerra e do racionamento e o terror de abrir o jornal cada manhã e encontrar o pior. Rosalind nunca esqueceria o ardor na garganta por ver o homem na casa ao lado chorar enquanto trocava a estrela azul na sua bandeira Filhos em Serviço por uma dourada. Não havia filhos homens na sua família, mas tanto ela como Louisa fizeram a sua parte. Durante algum tempo, Louisa poliu torpedos numa fábrica de armamento. E poderia dizer-se que o que Rosalind fez acabou com a guerra. Mas sabe que a assombrará até morrer.

* * *

Por estes dias, encontra-se atrás do balcão de Joalheria Usada e Antiga dos armazéns Marshall Field's, arrumando e vendendo. Há vidas entrelaçadas

nos artigos que vende: presa atrás de uma oval de vidro nas costas de um alfinete de peito vitoriano, uma madeixa perfeitamente entrançada de cabelo prateado da mãe de alguém. Um anel cintilando com uma fileira de pedras preciosas, um rubi, uma esmeralda, uma granada, uma ametista, outro rubi e um diamante. A primeira letra de cada pedra formava a palavra «regard»¹. Os homens da era georgiana davam estes anéis a mulheres que amavam, mas com quem não podiam casar. Rosalind não consegue evitar pensar com estranheza numa mulher que usaria a prova de um amor que nunca seria inteiramente seu.

Rosalind é uma cientista. Depois da guerra, os soldados que regressaram tiraram às mulheres os empregos importantes que estas tinham ocupado durante a sua ausência. *Podem ir. Voltámos*. Era provável que perdesse o seu posto mesmo que as coisas não tivessem corrido mal com Weaver. Não significa que não sinta saudades dos seus dias no laboratório.

No caminho para casa, depois de sair do Field's naquela noite, cansada e triste, passou por um homem incrivelmente alto encostado à montra da Summer Frolic. Fixava nela os olhos azuis notáveis sem disfarçar. Voltou a vê-lo na Wabash. Quando atravessou a Erie, lá estava ele, com o chapéu puxado sobre a testa, apressando-se a bloquear a luz. Tinha ombros largos. Parecia poderoso, com passos determinados. Foi então que Rosalind notou que pressionava o pulso esquerdo contra as costelas, como uma mulher que segurava a mala para impedir que lha roubassem. Talvez um ferimento de guerra? Tê-la-ia seguido até à Lake Shore Drive porque, quando virou na rua para a sua entrada, captou um vislumbre de olhos azuis observando-a do outro lado da rua.

Frank, o seu porteiro, recebeu-a.

— Menina Porter. É a melhor altura do ano, não é?

Talvez o sujeito seguisse na mesma direção que ela por coincidência. Durante a guerra inteira, homens namoriscavam com ela até descobrirem o que fazia. A inteligência anulava sempre o seu apelo. Com trinta anos e ainda solteira, as pessoas tinham começado a dizer-lhe que tinha «boa figura». Odeia a maldita expressão. Reforçaria a sua autoestima se um desconhecido a achasse atraente. O seu maior medo era tornar-se aquela mulher, a que vive sozinha, em quem ninguém repara quando desce a rua. Uma mulher que se torna invisível, indiferente. *Pobre menina Porter. Nunca teve grande vida*.

¹ «Estima». (N. do T.)

Abrindo todas as janelas da sala, convida a brisa do lago a entrar no quarto. Onde quer que tivesse ido por motivos de trabalho (e por Weaver, Deus a ajude) — Tennessee, Washington, os desertos do Novo México —, sempre ansiou por regressar à margem luminosa daquele lago, com os seus barcos à vela e edifícios enormes.

Despe a blusa, tira o sutiã e deixa a brisa arrefecer-lhe a pele transpirada. Porque vive no décimo nono andar, virada para a água, ninguém a vê. Faz aquilo todas as noites quentes, um ritual que lhe permite vestir por um momento a aragem fresca do lago. Os seus mamilos endurecem com a corrente de ar. O seu cabelo é soprado dos ombros. Outrora, foi uma mulher sensual, uma mulher que aprendeu a procurar prazer. Era o seu segredo. E o desejo de prazer não tinha cessado. Apenas cessou a forma de o satisfazer. Entre os seus seios nus pende a corrente que Weaver lhe ofereceu tanto tempo antes, com uma minúscula caixa de ouro e platina pendurada. Rejeitou tudo o que pertencera a Weaver exceto aquilo, uma antiguidade que trouxe de Inglaterra. A caixa em miniatura tem uma tampa que pode ser aberta. Um pedaço de pergaminho envelhecido esconde-se no interior, com a palavra «Paciência» escrita com tinta castanha desbotada. Abdicaria do colar. Esqueceria Weaver para sempre. Por usar aquele enfeite não seria melhor do que uma mulher que considerasse precioso um anel de estima. Mas o que *devia* fazer e o que conseguia fazer eram frequentemente duas variáveis numa equação impossível de resolver.

Porque perdeu o seu trabalho no projeto, mal conseguia juntar dinheiro suficiente para o apartamento na Lake Shore Drive que tinha alugado com sonhos tão ambiciosos. Ascendeu aos píncaros da ciência. O nobelizado Enrico Fermi foi seu mentor, acreditou nela e contou com ela. Transformou a sua aluna preciosa numa colaboradora de mérito. E, durante algum tempo, pôde nadar nas águas quentes da descoberta elemental enquanto ganhava mais dinheiro do que a maioria das mulheres poderia esperar. A vista deslumbrante do apartamento, a cozinha aprumada com o seu moderno fogão deslizante, o porteiro e a mercearia privativa recordavam-lhe que, outrora, tinha sido mais do que uma rapariga comum. No presente, sente-se menos que comum. Mas, pelo menos, o seu trabalho atual não acabará por matar mais de 150 000 pessoas.

A meio do jantar, o telefone toca. Depois de ter o trabalho de assar uma costeleta de porco, fina e triste como era, não atenderia o maldito telefone. Mais tarde, depois de lavados os pratos e de ter tomado o seu banho, o telefone volta a tocar. Sabe quem é. Louisa nunca liga depois das nove. As suas amigas ficaram demasiado exaustas com os filhos para ligarem àquela hora. O seu melhor amigo, Zeke, está fora da cidade. Sente o maxilar a ficar tenso. Poderia decidir não atender. Mas a cientista curiosa dentro dela não consegue tolerar perguntas sem resposta ou telefones por atender.

— Estou?

— Rosalind.

Aceita o murro no estômago da voz melíflua e do sotaque britânico cristalino. Ligou três vezes naquela semana.

— Roz. Estás aí?

— Que queres? — pergunta-lhe ela.

— Quero-te a ti. — Sente-se agoniada. Ele representa tudo o que despreza. E tudo o que deseja.

— Weaver, deixa-me em paz. A sério.

— Ouve. Preciso que me ouças.

Tinha recommçado a ligar. Depois de quatro anos de silêncio. Depois de ter roubado os anos em que poderia ter encontrado um marido. Depois de a ter privado da sua carreira.

Ouve-o inspirar fundo.

— Roz, estivemos tão perto como duas pessoas poderão estar. Fiquei melhor contigo. Sei que ficaste melhor comigo. Por favor, diz-me que aceitas ver-me.

— Não.

— Só uma vez. Para poder explicar...

— Que podes tu explicar?

— O que aconteceu.

— Já não importa. — Mas claro que importa. — Disseste-me que não voltasse a falar contigo. Presumi que fosses sincero.

— Não. Não! Vou explicar tudo isso. Ouve, este é o meu número. Quando estive em Los Álamos, desliguei o telefone e perdi o meu antigo número. Por favor, anota o novo. Tens uma caneta?

Não tem e não pretende encontrar uma.

— Hyde Park 3-5806, anotaste? Hyde Park 3-5806. — Repete deliberadamente os números, de modo hipnótico. — Repito mais uma vez. Sei como funciona a tua memória. Hyde Park 3-5806. Liga-me.

Mais tarde, enquanto está deitada na cama, o indicativo e os números dançam-lhe no cérebro... num refrão envenenado.

* * *

Os homens no laboratório tratavam-se pelo último nome. Por isso, habituou-se a chamar-lhe Weaver. Olhos cor de avelã que mudavam constantemente de cor, cabelo castanho impressionante, um queixo de Cary Grant com covinha. Era a caricatura de um homem bem-parecido. Ele sabia disso, e isso era o que mais lhe desagradava nele. A sua arrogância. A sua segurança. Soube desde o início que era um mulherengo e que ela não era a única. O seu sotaque fino teria entusiasmado qualquer rapariga. Weaver foi recrutado na Universidade de Cambridge para se juntar ao Projeto Manhattan em Nova Iorque. Fermi trouxe-o para Chicago um ano depois de Rosalind ter começado no laboratório.

Quando perguntou a Weaver se gostava da cidade, ele respondeu:

«Não importa onde esteja desde que trabalhe numa coisa importante.»

Rosalind queria que apreciasse Chicago, que conseguisse ver a sua maravilha robusta, que reparasse na arquitetura e na margem do lago. Disse-lhe que era a derradeira cidade americana. O coração do país. Weaver apreciava comida e arte. «Há bifos muito bons aqui. Reconheço isso.» Mas era um homem que vivia nos montes e vales das suas equações e teorias. Vivia para provar que tinha razão.

A ciência dava-lhes sempre um motivo de conversa. Rosalind e Weaver adoravam discutir as fontes de neutrões. Teria Fermi abandonado o berílio em pó demasiado cedo? Rosalind pensava que sim. Ele não. E aquele novo elemento secreto, o plutónio, produzido pelo bombardeamento de urânio-238?

— É o nosso futuro — disse ela.

— É demasiado difícil produzi-lo.

— É isso o que criaremos na Instalação Hanford. Aposto mil dólares.

— Prefiro que sejam mil jantares juntos. — Weaver estendeu-lhe a mão para selar o acordo e levou a mão dela até aos lábios. Ainda lhe devia anos de jantares.

Rosalind tinha uma visão própria do que queria para o projeto. Sabia que perfurar um único átomo de urânio poderia criar mais de três milhões de vezes a energia do combustível fóssil. Se fosse aproveitada, canalizada, poderia ser aplicada em fins construtivos, aquecendo cidades e permitindo

a operação de máquinas de forma limpa e interminavelmente disponível. Mas, quando partilhou a ideia com Weaver, viu-o sorrir.

— Duquesa, os nazis desenvolvem uma arma atômica. Neste preciso momento, nos seus pequenos covis, torcem os seus bigodes. Ninguém pensa em nada além da guerra por agora. Estamos empenhados na autodefesa pura e simples.

Ficou irritada, mas não surpreendida. Olhou para os homens à sua volta e incomodou-a perceber a que ponto gostavam da guerra e pareciam arrancados ao torpor pelo conflito. Marcavam árvores, provavam que tinham razão, derrotavam os outros. A capacidade de canalizar energia de um átomo... Poderia algum dia estar a salvo em mãos masculinas?

CAPÍTULO DOIS

N um restaurante como o Berghoff, apinhado de famílias, casais e mesas para seis, um jantar solitário dará nas vistas, especialmente quando envolve alguém tão alto como Szydlo. E foi por esse motivo que pediu uma mesa perto da parede esquerda, suficientemente longe da mesa para quatro de Rosalind Porter e suficientemente próximo para a observar. Enquanto Rosalind se debruça para a sua sobrinha, os seus brincos dourados brilham contra o ébano do seu cabelo.

Szydlo observa-a há duas semanas e conseguiria desenhá-la com os olhos fechados: o cabelo preto brilhante mal contido pelas molas de casca de tartaruga, pele pálida como leite, sobrancelhas arqueadas numa expressão inteligente. Podia ser irmã de Hedy Lamarr. Uma vez, passou perto dela na rua, apenas para estar perto em vez de quarenta passos atrás. E o que captou não foi perfume. Em vez disso, foi o aroma de mel quente. Pensa nisso enquanto dá voltas inquietas na cama, no seu aroma puro e vigoroso. E isso excita-o de modo irreprimível.

Enquanto vê a menina Porter falar com o seu cunhado e abanar a cabeça para a irmã, percebe que, até ali, a viu como uma figura solitária. Por isso, é fascinante notar, mesmo naquele momento, com outras pessoas à sua volta, que há um movimento lateral dos olhos, um olhar que desce até às mãos, gestos que dizem que, até entre família, se sente distante.

Foi aquilo o que aprendeu acerca de Rosalind Porter. Faz compras na

A&P e compra coisas simples e baratas, como se tivesse um orçamento apertado. Fruta da caixa de peças com marcas e as carnes que estiverem em promoção. Caminha com uma expressão abstrata, como se tivesse a mente alvoroçada com factos e números. Viu-a no banco, apontando um erro na sua conta. O gerente veio pedir desculpa, o que significava que teria razão.

É organizada, rotineira, sai do apartamento à mesma hora todos os dias e chega a casa à mesma hora. Raramente vê as amigas porque vivem nos subúrbios. Quando fala com elas ao telefone, provocando em Szydlo um deleite embaraçado por estar a ouvir, falam sobre si mesmas, sobre os filhos e os maridos, e ela encoraja-as. Só lhe perguntam como está no fim da chamada, antes de desligarem à pressa. A exceção é alguém que se chama Zeke. Ele faz-lhe inúmeras perguntas pessoais. Tem o encanto feminino e a malícia insinuada que faltam à menina Porter. É claramente um velho amigo. Quando saem juntos para jantar, ela prende a mão no braço de Zeke. Quando lhe fala, ergue os olhos para o céu e ri-se. Há amor ali. Apenas não é do tipo que a maioria das pessoas compreende.

A menina Porter não tem crença religiosa evidente, raramente usa chapéu e calça frequentemente sandálias para ir a pé para o trabalho. Uma vez, na Lake Shore Drive, parou para olhar o lago durante mais de cinco minutos. Szydlo teve de se esconder nas sombras de uma daquelas grandes casas de pedra para a observar, esperando que ninguém aparecesse para lhe dizer que saísse do relvado. Ficou fascinado pela sua saia cheia de vento como uma vela soprada pela brisa do lago. Os seus caracóis negros erguiam-se numa auréola luxuriante. Quando se virou, parecia não saber onde estava. Que teria ela descoberto no brilho baço do lago?

Enquanto fala com a sua sobrinha, Szydlo repara que, subitamente, parece satisfeita e íntima. A forma terna como acaricia o cabelo da rapariga. A forma como se inclina para ela. É óbvio a que ponto preza aquela sua sócia, aquela rapariga de dez anos que se parece espantosamente com ela. Se Rosalind Porter é uma figura solitária e gélida, o amor pela sua sobrinha derrete-a.

* * *

— Peço o *Wiener schnitzel* ou o *sauerbraten*? — sussurra Ava a Rosalind. Ava é cliente habitual do Berghoff desde os dois anos. Não há menu infantil para ela.

— Apetece-te um abraço ou uma gargalhada? — pergunta Roz.

— Qual é qual?

— O abraço é o *sauerbraten*. O *Wiener schnitzel* é mais divertido.

— Porque não o comi já? *Wiener schnitzel*. *Wiener schnitzel!* Diz tu.

Rosalind obedece até se rirem as duas. Os jantares com Louisa, Henry e Ava são o verdadeiro norte de Rosalind. Louisa é vinte anos mais velha, a única mãe que Rosalind recorda, e sente-se mais próxima de Henry do que alguma vez se sentiu do seu próprio pai. Depois do nascimento de Louisa, a sua mãe não conseguiu ter outro filho. Todavia, no seu quadragésimo segundo ano de vida, descobriu com surpresa que estava grávida. Seis meses depois do nascimento da bebé Rosalind, morreu de cancro nos ovários. Teria sido o seu cancro a restaurar-lhe finalmente a fertilidade? Ou teria a gravidez colocado o cancro no seu rumo fatal? De qualquer forma, o resultado tinha sido uma criança sem mãe.

Durante anos, Rosalind ouviu a história da sua infância em todos os seus aniversários, uma tradição como cantar «The Star-Spangled Banner» antes de um jogo de basebol. Quantas vezes tinha ouvido que, depois de perder a mulher, o Dr. Porter tinha contratado uma criada para se ocupar da sua filha? E que, numa tarde de inverno, ao voltar para casa, ouviu do passeio o choro da bebé e descobriu Rosalind deitada no chão, vestida apenas com uma fralda suja. Quando lhe pegou, a sua pele estava gelada. Tinha autopsiado cadáveres com lábios menos azuis. E onde estava a criada? Na sala de jantar, desmaiada por baixo da mesa, com a saia erguida expondo um par de ligas rosadas com uma bolsa para uma pequena garrafa, tão vazia como a garrafa na sua mão. *Foi assim que a Louisa veio cuidar de ti.*

Aquela era a história que Rosalind tinha começado a ouvir muito antes de compreender o seu significado. (*Porque estava a criada no chão? O que tinha a garrafa?*) Quando teve idade suficiente para saber mais, questionou Louisa, o seu pai e Henry. Cada um tinha uma forma diferente de contar o resto da história.

Pelo seu pai soube que, depois de a criada ter sido despedida, Estelle, a vizinha do doutor, lhes tinha «emprestado» a sua criada durante o verão que passou no Michigan. Mas era necessário encontrar rapidamente uma *babysitter*. O doutor rejeitou candidata após candidata. Tinha cinquenta e seis anos e era um homem importante. Tinha abdicado do seu consultório privado para se tornar medico-legista do condado de Cook. O crime organizado estava em ascensão. Quase não havia semana em que «o Dr. Joe» não aparecesse no *Tribune* ao lado de um cadáver inchado como um peixe-balão resgatado às profundezas do rio Chicago. O Dr. Joe era

um tesouro da cidade! Os títulos nas primeiras páginas diziam: DR. JOE TESTEMUNHA QUE O'FLAHERTY FOI ALVEJADO PELA JANELA ABERTA COM UMA METRALHADORA!

«Era um homem importante. Como podia cuidar de um bebé, de uma menina?», explicou o seu pai. «Comecei a pensar que alguma boa família com dificuldade para conceber poderia dar-te uma vida melhor.»

«Quiseste dar-me?»

«Era para teu bem... e para o meu, claro.» Não lhe parecia que alguma vez tivesse conseguido superar aquela frase.

Louisa conta que disse ao seu pai: «Se deres a bebé, a mãe dará voltas na sepultura.»

«Então que faço?», perguntou ele. «A criada da Estelle traz um panfleto do Misticismo Teosófico no bolso do avental. Se for educada por criadas, a tua irmã tornar-se-á selvagem ou, pior ainda, uma democrata! Não podem esperar que me responsabilize por uma bebé. Sou um *homem*!»

Um homem. Os homens faziam trabalhos importantes. As mulheres eram andaimos. Era o que a sua mãe tinha ensinado a Louisa. Isso significava que as suas notas excelentes indicavam que seria boa a fazer render o dinheiro para a mercearia até ao fim do mês. Poderia, nos seus momentos de ócio, ler um livro. A faculdade nunca foi uma possibilidade.

Aos vinte e um anos, Louisa tinha conseguido o que a sua mãe considerara outrora o maior triunfo de uma mulher: encontrar um bom marido. Vivia com Henry a poucos quarteirões do seu pai num *bungalow* a estrear. Ansiavam por alguns meses despreocupados de romance e pequenos-almoços na cama antes de começarem uma família. Estavam em finais de 1920. A guerra tinha acabado. As mulheres podiam votar e mostravam os tornozelos. Tinha planejado uma viagem de bicicleta no Wisconsin com Henry. Tinham mesmo falado sobre apanhar o comboio para Nova Iorque e, depois, um vapor para Paris. «Estávamos apaixonados. Queríamos começar por ser um casal. Não uma família. Queria ser uma rapariga bonita com um homem no braço», disse Louisa a Rosalind, anos depois, continuando a parecer amarga.

Mas, em vez de entregar a sua irmã aos teosofistas, Louisa e Henry trouxeram para casa o berço e a cadeira de papa de Rosalind e prepararam-se para noites sem dormir. Como todos os bebés abandonados, Rosalind precisava de atenção. «Cravavas-me os dedos no braço sempre que tentava pousar-te. Como um macaquinho», dizia-lhe Louisa.

Aquela descrição continuava a arrepiar Rosalind.

O ponto de vista de Henry tinha sido mais amável. «Eras especial! Que

dom! Começaste a falar aos nove meses. Contavas até cem com um ano e meio. E a tua primeira palavra foi “porque”. “Porquê tirar a minha colher?” “Porquê dormir agora?” “Porquê?” Aos dois anos e meio, um dia, quando se entornou leite e este pingou do tabuleiro da cadeira para o chão, perguntaste: “Porquê círculo?”»

Adorava ouvir as histórias que Henry contava sobre ela, mas especialmente aquela. Henry disse-lhe que se levantou da mesa durante o pequeno-almoço para ver o que apontava e viu que cada gota formava um círculo perfeito na poça de leite.

«Boa pergunta», respondeu-lhe. «Diria que cada gota de leite é redonda. Por isso, quando cai sobre leite entornado, deixa uma marca redonda. Um círculo.»

Henry explicou-lhe o que sabia sobre tensão de superfície. Sobre a forma como as moléculas se juntavam, vindas de todas as direções, para tornar cada gota esférica. Até lhe desenhou um diagrama.

«É um disparate. Não consegue perceber», protestou Louisa.

Mas, mais tarde, como contou frequentemente a Rosalind, depois de a deitar no berço, afastava a persiana para lhe apontar a lua cheia. «Porquê a Lua é um círculo? A Lua é moléculas?»

«A Lua?», perguntou ele. «Sim.»

«Moléculas juntas? Em todas as *dee-reções*?» Moveu as mãos para demonstrar. Henry olhou o corpo celeste no céu com um sorriso. «E foi nesse momento, miúda, que percebi que serias uma cientista.»

* * *

— Tenho pensado em tentar encontrar outra vez um trabalho como cientista — arrisca Rosalind com voz baixa, olhando toda a gente à volta da mesa, mas sobretudo Henry. É uma coisa temível: o seu amor pela ciência, que a traiu.

— Que bom — diz Henry. — Fico feliz.

— Tenho saudades — diz.

— Questionei-me acerca disso.

— Tento ir a palestras. Ainda recebo o *Journal of Applied Physics* e o *American Journal of Physics*. Tento ler o que posso.

As narinas de Louisa inflaram.

— Com o regresso dos soldados, acreditas mesmo que um trabalho como cientista estará disponível para uma mulher?

Rosalind abre a boca e fecha-a.

— És especial — diz Henry. — Consegues fazê-lo tal como o fizeste antes.

— *Consegues, Rozzie!* — diz Ava. Mas Rosalind percebe que Louisa tem razão. Quem a contratará, sobretudo depois do relatório de Weaver?

Henry estende o braço sobre a mesa e aperta-lhe a mão.

— Isto é o que estás destinada a fazer. Só precisas de voltar a acreditar.

Enquanto Ava come o seu *Wiener schnitzel* com entusiasmo e Louisa fala sem parar sobre os seus novos e horríveis vizinhos e sobre o seu medo do avanço do comunismo, Rosalind franze a testa, abana a cabeça e olha em redor, desejando distrair-se da agonia que lhe alvoroça as entranhas... a sensação de que não voltará a ser feliz. O Berghoff está cheio de famílias. De apaixonados. Todos os outros parecem divertir-se muito. Mas, numa mesa junto à parede, perto do balcão, Roz avista um homem. Mesmo sentado, é mais alto do que todos à sua volta. Interioriza o corte de cabelo reto, a expressão severa, o facto de estar sentado a uma mesa só para um. Porque janta sozinho aquele homem atraente? Então, mesmo com metade do balcão a bloquear-lhe a vista, percebe a forma como pressiona o pulso contra as costelas. Fica com a boca seca. *É ele*. Tem a certeza. O homem que a seguiu até casa ontem. O homem ergue o rosto e os seus olhos fixam-se. Percebe que os seus olhos são azuis do outro lado da sala. De um azul extraordinário e elétrico. Deixa de ouvir a conversa da irmã. Quem é ele? Um admirador ou um louco? Arrepiase.

— Ficaste surda, Roz? — pergunta Louisa. — Perguntei para que subúrbio se mudou a Jane Ann.

— Ah... desculpa... Glenview.

— Certo. Glenview. É o que quero ver para nós.

— *Não* vamos mudar-nos para os subúrbios — diz Henry. — Estás bem, Roz? Ficaste muito pálida.

— Não é nada. Desculpa. Distaí-me. — Muitos homens tinham ficado feridos durante a guerra. Não seria o mesmo. Mesmo assim, o seu coração batia mais depressa. Cobre os ombros de Ava com o braço.

— O *Wiener schnitzel* foi divertido ou não? — pergunta, forçando as palavras a saírem-lhe pela garganta apertada.

— Muito divertido! Passou a ser o meu prato preferido. — Rosalind ergue o olhar e vê os olhos azuis do homem afastarem-se do seu rosto com a mesma rapidez com que alguém afastaria os dedos de um fogão quente.

CAPÍTULO TRÊS

Na semana seguinte, Rosalind vê-o correr à chuva para apanhar o seu autocarro na paragem seguinte. Sobe para o interior, encharcado e sem a olhar. Mais tarde, sente que a olha e arrepia-se. Que quer? Vê-o dois dias depois na banca de perfumes de Janice, pouco antes de a loja fechar. Move frascos de um lado para o outro como se os avaliasse. Mas, quando Janice pergunta se pode ajudar, abana a cabeça e vai-se embora. Rosalind sente-se cada vez mais assustada. Porque está aquele homem sempre presente, visível pelo canto do olho? Pensa em chamar a polícia, mas ele não fez nada de mal. Se o vir aproximar-se dela na rua, imagina que gritará. Uma sirene no alarido do movimento humano.

Zeke, o único amigo que a ama independentemente do que revela sobre si mesma, começou a chamar-lhe «Homem-Sombra». Eram inseparáveis desde a adolescência. Incentivam-se um ao outro e falam muitas vezes. O facto de não poder amá-la como um homem ama uma mulher é uma triste verdade que, de alguma forma, os aproxima mais.

— Quero uma descrição meticulosa deste sujeito, Coelhinha. Até ao último pormenor — diz Zeke.

— Bom, é atraente de uma forma algo taciturna. Estranhamente alto. Olhos azuis intensos. Tem cabelo curto e louro. Mexe-se como um atleta. Porque me segue?

— Sabes que adoro enigmas. — Pigarreia. — Muito bem. Duas possibilidades: Acha-te atraente. Ou estás na sua lista de alvos a abater.

— Um homem seguiria uma mulher durante tanto tempo se só *gostas-se* dela? — pergunta.

— És uma rapariga bonita — diz Zeke.

— Não pode estar a seguir-me por um bom motivo.

— Talvez o pobre homem se tenha apaixonado e seja demasiado tímido para se aproximar. Os homens bonitos também podem ser envergonhados.

Rosalind suspira.

— Diria que essa possibilidade tem uma probabilidade de doze por cento. E há uma probabilidade de oitenta e oito por cento de haver algum motivo sinistro. Mas obrigada por me tentares animar.

Mais tarde, sozinha, pensando no homem, começa a tremer e tem de beber um gole de Chianti de uma garrafa meio vazia que Zeke lhe trouxe há mais de um ano. Depois de perder o emprego em 47, Rosalind começou a beber um pouco, depois muito, tentando combater a solidão, a dor de não conhecer o rumo da sua vida. Não era só a perda de Weaver. Era a perda de si mesma como cientista que mais a magoava. Num minuto, ela e os seus colegas físicos desbravavam, juntos, um espaço virgem. *Nunca ninguém* tinha chegado ao outro lado, e eles conseguiam *vê-lo*. Quase conseguiam tocar-lhe. As ideias *dela* tornavam mais fácil alcançar o infinito. Depois, nada. Foi proibida de entrar na festa. Proscrita. Sem Weaver. Sem ciência. O óbvio do álcool parecia-lhe um recurso necessário.

Mas o óbvio feria. Acordava grogue. A sua memória, a que Fermi chamara outrora fotográfica, começou a falhar. Já não conseguia multiplicar números complexos de cabeça ou recordar os mil detalhes de momentos comuns, como antes acontecia. Certa vez, acordou no chão. Tal como a infame criada do seu pai com a garrafa na liga.

Por isso, empregou a ciência. Calculou o tempo necessário para expulsar por inteiro o álcool. Estudou a forma como o álcool se metabolizava e o seu efeito no fígado. Os seus efeitos a longo prazo. Era a matemática da sobriedade, disse a si mesma. Deixou de beber de um momento para o outro. Em cada noite, tentava multiplicar mentalmente números cada vez maiores. Olhou para fotografias e testou o número de objetos que conseguia recordar. Calculou. Preencheu tabelas. E guardou a garrafa de Chianti de Zeke para recordar a si mesma que conseguia controlar o seu desejo de se esconder da dor. Devia tê-la deitado fora, pensa. Há muito que não bebia uma gota de álcool. E aquele vinho tinha-se estragado, sem dúvida. Uma

borra negra desce até ao fundo do seu copo. Mas, imaginando o homem alto de olhos azuis e o seu interesse por ela, que se tornara subitamente avassalador, engole o vinho com borra e tudo.

* * *

Na sexta-feira, à saída do edifício onde ficava o consultório do dentista, avista o seu perseguidor na paragem de autocarros do outro lado da rua, lendo um jornal de cenho franzido. Chegou o momento de acabar com aquilo. Com o coração a bater na garganta e fechando as mãos com força, aproxima-se. O homem olha para cima, sobressaltado.

— Porque me segue? — pergunta-lhe. Há centenas de pessoas à volta. Mesmo assim, o seu coração troveja.

Rugas do sol rodeiam-lhe os olhos brilhantes e azuis como pétalas de centáurea. Pestanas louras compridas e o rubor súbito das suas bochechas conferem-lhe uma certa vulnerabilidade. Tenta focar-se nisso.

— Ouça. Menina Porter, posso oferecer-lhe um café? — *Santo Deus. Sabia o nome dela.*

— Tenho de voltar para o trabalho.

— Se veio arrancar um dente, chegará mais tarde. — Aponta o edifício de onde acaba de sair. — A sua supervisora não saberá.

— Como sabe onde estive? Quem é?

— Durante o café. — Olha para o letreiro de néon do outro lado da rua. WINDY CITY DONUTS. Há muita gente no interior, mesmo fora das horas de maior movimento.

— O que o faz pensar que tomaria café consigo? Quero que pare de me seguir. Tenho de chamar a polícia?

Ele inspira fundo e, com um sorriso forçado, leva a mão ao interior do casaco. Puxando por uma carteira gasta, mostra um distintivo de latão e um cartão de identidade.

— Chamo-me Charles Szydlo. — A sua voz é suave e cautelosa. — FBI. Fica tão surpreendida que demora um momento a dizer:

— Está a brincar.

Ele abana a cabeça.

— Que quer de *mim*?

— Sente-se comigo uns minutos — diz, olhando para o outro lado da rua. — Explicar-lhe-ei tudo.

Rosalind inspira fundo, hesita e acena com a cabeça. Um agente do FBI.

A improbabilidade atinge-a. Enquanto atravessam a rua na esquina, tenta avaliá-lo. Hirto, isolado. Um soldado no passado, sem dúvida. Antes da guerra, imagina que teria sido um homem diferente. As linhas à volta dos olhos dizem-lhe que, outrora, sorriu muito. No presente, não sorri nada. Vê-o apontar pela montra da padaria, onde se vê um tabuleiro de *donuts* com cobertura de chocolate.

— Quero um daqueles. E você?

Encolhe os ombros.

— Pode ser.

No interior, ele aproxima-se do balcão e paga os bolos, conseguindo tirar a carteira e puxar as notas com uma mão. Os seus dedos são longos e graciosos. A sua outra mão, observa Rosalind, está mirrada, coberta por uma teia de cicatrizes e pele endurecida. Não consegue evitar sentir pena dele pelo seu ferimento. Sente uma ânsia de estender a mão e explorar os vergões.

A empregada leva-os até uma mesa perto da montra.

— Menina Porter. — O homem aponta o banco do lado oposto, sugerindo que seja a primeira a sentar-se. Arrepia-a voltar a ouvir o seu nome. Estará ali para a acusar de alguma coisa? Ouve a sua própria respiração e sente o batimento do coração nos ouvidos.

Sentando-se no banco à frente dela, tira o chapéu e pousa-o a seu lado.

— Então espera uma explicação...

Antes que possa dizer mais alguma coisa, uma empregada chega e pousa duas grossas canecas brancas sobre a mesa, começando a encher a de Rosalind.

— Não quero café — diz.

— Quererá alguma coisa para beber... — diz ele. — Talvez chá?

Rosalind assente com a cabeça.

— Um chá para a senhora, por favor.

— Quer o café que servi? — pergunta-lhe a empregada.

Ele desliza em silêncio a caneca para junto dele. Abre o saco de bolos com uma mão, retira um guardanapo de papel do suporte prateado e põe um *donut* à frente de Rosalind.

— Também não sou grande apreciador de café. Achei que saberia bem com *donuts*. — Morde o seu. — São bons. Prove o seu. — Rosalind percebe que o homem faz um esforço para parecer amigável e despreocupado.

— Porque estou aqui? — pergunta ela.

O homem inclina-se para a frente e olha-a por um momento antes de falar.

— Trabalhou com Fermi no Projeto Manhattan, não foi?

Durante anos, teve ordens para *nunca* revelar nada sobre o seu trabalho. Para dizer apenas que trabalhava no Laboratório Metalúrgico. Quanto às viagens até Oak Ridge, Hanford e Los Álamos... Deus, aquelas intermináveis noites no deserto na cama com Weaver... disse à família que eram viagens de lazer com amigas. Ali sentada com o Sr. FBI, não diz uma palavra. Observa como ele esconde cuidadosamente a sua mão. Mesmo que tenha perdido o emprego há muito tempo, continua a proteger o projeto da mesma forma.

O homem fixa nela aqueles olhos cor de água.

— Fale-me da sua relação com Thomas Weaver — diz.

— Weaver? — repete ela. — Porquê?

— Interessa-nos.

— Já não me interessa a mim. Não quero ter nada a ver com ele. E não pretendo discutir a nossa «relação», como lhe chama.

Szydlo inclina-se para trás e abana a cabeça.

— Não está com rodeios — diz ele.

— Ainda bem que o divirto.

O homem bebe um gole de café.

— Aposto que intimida muitos homens. Uma física nuclear.

— Já não. — Franze a testa. — Vendo joias. — Mesmo depois de três anos e meio, dizer essas palavras em voz alta faz com que se sinta atravessada por uma onda de ironia.

— Ficou surpreendida quando o Weaver voltou a ligar-lhe?

— Como... como sabe que tem ligado?

— Sei que recusou. Não o viu, mesmo assim?

— Não quero nada com ele. Disse-lhe que me deixasse em paz.

— Na verdade, disse-lhe... — tira um pequeno bloco do bolso do peito.

— «Não te metas na minha vida.» — Ergue o olhar de modo significativo.

— Eu... Como...?

— Temos o seu telefone sob escuta.

Ela demora um momento a engolir aquele caroço impossível de digerir. Anteontem, queixou-se à sua amiga Marie das suas cólicas mensais. Sente o calor subir-lhe pela nuca acima.

— Lamento que tenhamos violado a sua privacidade — diz ele. — Tivemos uma ordem judicial, claro.

— Não fiz nada de mal.

— Não é a si que queremos.

— Mas segue-me a mim. Não é muito bom nisso. Vi-o mais vezes do que consigo contar.

— Que me chamou o seu amigo? Homem-Sombra? Como uma personagem da rádio. É difícil seguir alguém quando medimos dois metros.

Quando se lembra de ter dito a Zeke que o Homem-Sombra era atraente, apesar de ameaçador, Rosalind sente um arrepio que lhe provoca um formigueiro no couro cabeludo. *Descreveu-o ao pormenor. Aqueles olhos!*

— Tinha de garantir que não era um dos contactos do Weaver antes de a abordar.

— Contactos? De que fala?

— Sei que disse ao Sr. Weaver que não quer vê-lo. Nós... o FBI... gostaríamos que mudasse de ideias.

— Espere. Estou confusa.

A empregada traz finalmente água quente.

— Quase me esqueci, querida — diz ela, puxando uma saqueta de chá do bolso, rasgando o invólucro e largando-a na chávena antes de se afastar.

— Queremos que ligue para o número que lhe deu. Que recomece a encontrar-se com ele.

— Porquê?

— Porque a quer de volta à sua vida. E precisamos de saber o que faz. Lembra-se do número que lhe deu?

— Hyde Park 3-5806.

— Ele disse-lhe que se lembraria. — Olha para ela com admiração.

— Mas que quer o FBI do Weaver?

— Pensamos que está envolvido em coisas feias. Já viu como sou terrível a seguir pessoas. Ajude-me e conto-lhe mais. — Esboça-lhe um sorriso inclinado. *Então sabe sorrir.* É especialmente atraente quando a sua face se ilumina, mesmo que seja só um lampejo passageiro. — Foram próximos, no passado — diz.

— É exatamente isso o que tento evitar.

O homem acena com a cabeça como se compreendesse.

— Sei que acabou mal.

Rosalind finge estar mais preocupada com a saqueta de chá, mergulhando-a na água e voltando a tirá-la. Acabou mal? Weaver separou-a de tudo o que importava na sua vida.

— Que acham que fez?

— Ou poderá fazer ainda — diz ele.

— Alguma coisa tão má que justifique este trabalho todo?

Ele acena com a cabeça. Os seus olhos dizem-lhe que nem faz ideia.

— Não podem prendê-lo, pendurá-lo pelos pés ou lá o que fazem?

— Ainda não queremos prender o Weaver. Queremos que revele os seus contactos e queremos apanhá-lo em flagrante.

— Em que tipo de flagrante?

Ergue o olhar e vê que Szydło pestaneja, avaliando a sua fiabilidade.

— Ainda tem sentimentos por ele?

— Odeio esse homem.

— Então talvez possamos persuadi-la a ajudar-nos...

— Que acham que fez? Mereço saber.

Os olhos dele fixam-se nos dela e observa-a durante bastante tempo antes de falar.

— Em que tipo de flagrante? — repete.

— Não é um crime menor.

— O quê?

— A traição.